

CULTURA NEGRA, IDENTIDADE E AS VIVÊNCIAS DA JUVENTUDE ESTUDANTIL NA ESCOLA

Caroline Seixas Chagas de Almeida
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

O presente artigo é uma composição dos relatos das vivências de quatro jovens de uma Escola Estadual do Ensino Médio de Porto Alegre (RS) e suas participações na oficina intitulada Rap, Ritmo, poesia e cultura negra, que visava suscitar nos alunos suas percepções sobre essa temática. O término dessa prática convergiu no uso da técnica da roda de conversa, promovida no âmbito de pesquisa. O estudo tem como base as teorias de Stuart Hall (2000) sobre a identidade e representação e como elas influenciam na maneira que os alunos percebem essas representações. No tocante dos estudos sobre identidade e saberes de cultura negra surgem outros recortes como a identidade de gênero. Neste aspecto os relatos dos alunos fazem correspondência com as reflexões da escritora, feminista Audre Lorde, que nos convida a enfrentar nossos medos, quebrar silêncios e nos unirmos na luta pelos nossos direitos. Outras correspondências dialógicas estão nas percepções dos alunos e nos estudos da psicanalista Grada Kilomba no livro Memórias da plantação, onde ela compartilha os episódios cotidianos de racismo, escritos sob a forma de pequenas histórias psicanalíticas. Os resultados da pesquisa mostram que os alunos têm grande identificação com o debate da cultura negra, porém ainda encontram muito despreparo dos professores, e isto acaba tornando esse diálogo desmotivante. Os educandos entendem a importância das ações em defesa da educação antirracista para potencializar a mudança social, porém relatam que os crimes de racismo ainda carecem de fiscalizações mais rigorosas e penas mais severas.

Palavras-chave: juventude, escola, educação, história, cultura negra.

BLACK CULTURE, IDENTITY AND LIFE EXPERIENCES OF THE STUDENT YOUTH IN SCHOOL

ABSTRACT

This article is a composition of reports on the experiences of four young people from a State High School in Porto Alegre (RS) and their participation in the workshop on Rap, Rhythm,

poetry and black culture, which aimed to raise students' perceptions about this theme. The end of this practice converged in the use of the conversation circle technique, promoted within the scope of research. The study is based on Stuart Hall's theories about identity and representation and how they influence the way students perceive these representations. Regarding studies on identity and knowledge of black culture, other areas are brought up, such as gender identity. In this aspect, the students' reports correspond with the reflections of the feminist writer Audre Lorde, who invites us to face our fears, break silences and join the fight for our rights. Other dialogical correspondences are in the students' perceptions and in the studies of psychoanalyst Grada Kilomba in the book *Plantation Memories*, where she shares everyday episodes of racism, written in the form of short psychoanalytic stories. The research results show that students have great identification with the debate on black culture, but they still find teachers much unprepared, and this ends up making this dialogue demotivating. Students understand the importance of actions in defense of anti-racist education to enhance social change, but report that racist crimes still require stricter inspections and harsher penalties

Keywords: youth, school, education, history, black culture.

CULTURA NEGRA, IDENTIDAD Y EXPERIENCIAS DE LOS ESTUDIANTES JÓVENES EN LA ESCUELA

RESUMEN

Este artículo es una composición de relatos sobre las experiencias de cuatro jóvenes de una escuela secundaria estatal de Porto Alegre (RS) y su participación en el taller Rap, ritmo, poesía y cultura negra, que tuvo como objetivo elevar las percepciones de los estudiantes sobre este tema. El fin de esta práctica confluyó en el uso de la técnica del círculo de conversación, promovida en el ámbito de la investigación. El estudio se basa en las teorías de Stuart Hall (2000) sobre la identidad y la representación y cómo influyen en la forma en que los estudiantes perciben estas representaciones. En cuanto a los estudios sobre identidad y conocimiento de la cultura negra, emergen otras áreas, como la identidad de género. En este aspecto, los relatos de los estudiantes se corresponden con las reflexiones de la escritora feminista Audre Lorde, quien nos invita a enfrentar nuestros miedos, romper silencios y unirnos en la lucha por nuestros derechos. Otras correspondencias dialógicas se encuentran en las percepciones de los estudiantes y en los estudios de la psicoanalista Grada Kilomba en el libro *Plantation Memories*, donde comparte episodios cotidianos de racismo, escritos en forma de breves historias psicoanalíticas. Los resultados de la investigación muestran que los estudiantes tienen una gran identificación con el debate sobre la cultura negra, pero todavía encuentran a los docentes muy poco preparados, lo que termina haciendo que este diálogo sea desmotivador. Los estudiantes comprenden la importancia de las acciones en defensa de la educación antirracista para mejorar el cambio social, pero informan que los delitos racistas aún requieren inspecciones más estrictas y penas más severas.

Palabras clave: juventud, escuela, educación, historia, cultura negra.

Cultura negra, identidade e as vivências da juventude na escola

O aporte científico trazido pelo sociólogo Stuart Hall no segmento das identidades e representações, compõe o entendimento de como operam as construções de significação e o mundo social, que é estruturado através das escolhas discursivas de um grupo hegemônico.

Essas análises se fazem presentes nesse artigo, as experiências das jovens aqui mencionadas demonstram a sensibilidade social alcançada por elas ao descreverem em detalhes os estranhamentos do como percebem a narrativa escolhida por algumas pessoas no momento em que essas se propõem a contar a história da cultura negra e principalmente quando essa explanação é realizada na ótica de professores brancos, que por muitas vezes, se mostram despreparados para dialogarem com esses educandos.

A juventude mostra a sua criticidade, pois seguem em constante contato com a informação através dos meios de comunicação, que hoje ganharam novos formatos que vão para além da televisão e do rádio, os serviços de streaming, podcasts, YouTube, Twitter, Whatsapp entre outros, são responsáveis pela apresentação de inúmeras temáticas de maneira mais divertida e interativa e nesse sentido fazem com que os adolescentes que participaram da pesquisa se mostrassem mais atualizados e com um nível crítico cada dia mais apurado, às vezes até mais do que alguns professores, que resistem ao uso desses recursos tecnológicos e a novas possibilidades de aprendizagem em conexão com a realidade atual dos jovens. Esses educandos deixam transparecer em suas falas que não fazem uso das redes sociais apenas para fins pessoais, mas também como espaços coletivos de engajamento. Por conta dessa postura esses jovens se mostram sensíveis tanto a temas antirracistas como pautas que versam sobre feminismo e homofobia, dessa forma conseguem notar o quanto a sociedade age de maneira preconceituosa, racista e desigual quando o assunto se refere à cultura negra e todos os seus atravessamentos.

Algumas das inquietações aqui mencionadas pelas jovens imputam a ausência da história da cultura negra em sala de aula, ou a sua apresentação de forma estereotipada e cheia de incoerências. Situações que distorcem a maneira como essas jovens não se vêm representadas como realmente são, nem nas aulas, e tampouco pelas grandes mídias.

O estudo das juventudes é de suma importância e já vem sendo desenvolvido por muitos pesquisadores. O Cientista Social Juarez Dayrell (2002) aponta em um dos seus artigos sobre a relevância de estudarmos e entendermos a efervescência cultural nas periferias que é protagonizada por parcelas dos setores juvenis.

As transformações políticas que influenciam no mercado de trabalho, nos currículos escolares, nos valores comportamentais são aspectos centrais nos estudos da juventude, que vive contextos diferentes, porém há entre esses grupos costumes que delineiam a identidade desses jovens. Dayrell (2002, p.119) é enfático ao afirmar:

O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmo e sobre o mundo que os cerca. Nesse contexto, a música é a atividade que mais os envolve e os mobiliza. Muitos deles deixam de ser simples fruidores e passam também a ser produtores, formando grupos musicais das mais diversas tendências, compondo, apresentando-se em festas e eventos, criando novas formas de mobilizar os recursos culturais da sociedade atual além da lógica estreita do mercado. Esse processo não está presente apenas entre os jovens de classe média. Nas periferias constatamos uma efervescência cultural protagonizada por parcelas dos setores juvenis. Ao contrário da imagem socialmente criada a respeito dos jovens pobres, quase sempre associada à violência e à marginalidade, eles também se posicionam como produtores culturais.

O Rap e o Funk como culturas de resistência da juventude da periferia

As novas formas de ser jovem e as novas formas de socialização se apresentam nas escolas e fora dela de maneira cada vez mais crescente. Um bom exemplo desses empreendimentos culturais são os Slams, movimentos de batalhas de versos que surgem no formato de manifestos sobre temas da atualidade, geralmente ocorrem em praças e em alguns bares e tem como protagonistas a juventude negra e periférica.

A facilidade que os jovens demonstram nas suas participações nos Slams reforça o quanto a presença do rap e do funk são incentivos para as práticas e manifestações artísticas, inclusive muitos rappers e mc's começam sua carreira na música ganhando visibilidade nesses eventos assim como Dayrell (2002, p 119) ressalta:

Entre eles, a música é o produto cultural mais consumido e em torno dela criam seus grupos musicais de estilos diversos, dentre eles o rap e o funk. Nesses grupos estabelecem trocas, experimentam, divertem-se, produzem, sonham, enfim, vivem determinado modo de ser jovem.

Não podemos esquecer que a juventude negra e periférica vivencia as formas de ser jovem de maneira muito diferente dos jovens de famílias com boas condições financeiras. Nesse contexto muitos jovens da periferia precisam trabalhar para ajudarem nas despesas da casa dispendo de menos tempo para o lazer e simplesmente gozarem a juventude. Nesse sentido os jovens da periferia acabam despertando mais cedo um olhar de consciência social dada muitas vezes pela escassez de recursos básicos e mesmo assim ao tentarem externalizar suas ideias e gostos musicais são deslegitimados e silenciados pelos adultos que

na maioria das vezes justifica o ato de silenciar esse jovem baseando-se em sua pouca idade e experiência de vida. A rapper e compositora Negra Jaque (2023, p.36-37) reforça que:

“Devemos buscar novas narrativas e outros prismas da história do país e das histórias locais que promovam repertórios positivos para a população minorizada e excluída, iniciou-se no Rio Grande do Sul a construção do Museu da Cultura Hip-hop no RS, que vai contar a história do rap regionalmente, a história da cultura e principalmente a história dos negros e negras aqui tão invisibilizados. Nesse contexto, o rap, com todas as suas infinitas possibilidades de linguagem e formação de sujeitos, entra em diálogo direto com esses ideais de reconstrução e reconexão com nossa história, com as nossas verdades. Ele segue sendo também a voz dos que não se conformam e, através das linhas e rimas, encontra caminhos e possibilidades”.

A presença dos jovens nesses espaços de produção cultural potencializa a sensação de pertença a um determinado grupo, que a cada rima expressada reforça elementos de resistência da negritude e de outros grupos que são minorias em direitos e esse movimento de transformação nas percepções político sociais ficam cada vez mais perceptíveis nos relatos das jovens entrevistadas nessa pesquisa.

Os jovens e os símbolos de resistência possuem diversos atravessamentos que também transitam através do símbolo do cabelo crespo e a importância de reforçarmos esse signo de representação de potência para que possamos vivenciar a cultura do negro na sua beleza e magnitude de transcendência.

Nessa amálgama de percepções, surgem aqui importantes paralelos dialógicos com a autora Audre Lorde, que se destacou em suas lutas pelo movimento feminista, LGBT, no movimento negro e pelos direitos civis, a riqueza das análises dessa grande mulher que ganham uma roupagem atualizada e são representadas pelas falas das alunas do ensino médio convidadas para participarem da oficina e roda de conversa que foram usadas como técnica de pesquisa em uma escola da rede pública de Porto Alegre.

No bojo desses diálogos, surgem outras constatações sobre o pensamento colonialista das instituições de ensino e por parte do corpo docente que ao não ter conhecimento sobre a temática da cultura negra acabam operando como vetores de silenciamento dos alunos, nesses contextos outras interlocuções possíveis aparecem na contribuição teórica da autora e psicanalista Grada Kilomba no livro Memórias da plantação onde ela compartilha os episódios cotidianos de racismo, escritos sob a forma de pequenas histórias psicanalíticas.

No segmento das identidades e representações que são explicitadas com algumas percepções do sociólogo Stuart Hall, que aponta um grande aporte científico construindo o entendimento de como operam as construções de significação e o mundo social, que são estruturados através das escolhas discursivas de um grupo hegemônico.

Nesse tocante, podemos observar que de acordo com as declarações dos alunos participantes da pesquisa, eles se deparam com as constantes sensações de vaziez

discursiva, que ecoam na escola quando a pauta versa sobre a cultura negra, que infelizmente ainda são presentes até esse momento, não esqueçamos que estamos no Séc. XXI, comemorando vinte anos da implementação da lei 10639/03, que torna obrigatório o ensino da cultura de matriz africana na escola, na visão dos educandos as falas sobre a cultura negra só surgem as pressas em formatos de projetos desconectados com os conteúdos no dia 20 de novembro.

As instituições promovem algumas atividades, muitas vezes, organizadas por um grupo pequeno de professores, que não conseguem fazer frente às tantas lacunas deixadas por anos de descuido com o ensino da história do povo negro nas redes de ensino.

Nos relatos descritos pelas jovens, boa parte delas deixa transparecer o seu cansaço em dialogar sobre as pautas antirracistas com um corpo docente que ainda não encontrou “tempo” para estudar ou entender, que os estudos sobre a história do negro facilitariam na construção de aulas mais atraentes, motivadoras e democráticas na escola.

Metodologia de pesquisa

Em 2011 passei a lecionar em escolas estaduais de Porto Alegre e desde então no desenvolvimento das práticas em sala de aula, passei a perceber quais os grupos e as atividades que mobilizavam maior engajamento dos alunos e as temáticas em que esses demonstravam mais empolgação. Os temas que mais movimentavam as participações estavam ligados às artes com: cinema, séries, música, teatro, e questões de comportamento social.

Vivenciando as situações de participação dos educandos nos debates propostos e principalmente em trabalhos que envolviam a pauta antirracista no mundo, desenvolvi listas com os nomes e as turmas dos discentes que seriam possíveis convidados a participarem da oficina: “Rap- ritmo, poesia, identidade e cultura negra”. De posse da lista e das autorizações com os direitos de imagem que os alunos tinham que assinar, fui até a classe de cada um e fiz o convite individualmente (apenas uma aluna se recusou a participar, alegou estar intensamente irritada com questões pessoais dela e que não conseguiria prestar atenção em nada do que seria dito naquele momento), e os alunos convidados se mostraram muito animados e curiosos com o convite e fizeram várias perguntas do como eles deveriam se comportar na hora de emitirem as suas opiniões durante o andamento da oficina.

Segmentos Metodológicos

A prática metodológica foi dividida em quatro momentos, o primeiro dedicado à aplicação da oficina “Rap- ritmo, poesia, identidade e cultura negra”, realizada em uma Escola Estadual de Porto Alegre, que foi previamente organizada com a entrega das autorizações para sua execução à equipe diretiva com o intuito de oficializar e reforçar o dia

em que as atividades seriam desenvolvidas, visando evitar qualquer tipo de conflito entre data e horário de outras possíveis programações na escola.

Primeira parte

No primeiro momento da oficina de rap, os alunos receberam impressa a letra de música, Ponta de lança, do rapper Rincon Sapiência, para ouvirem a canção e acompanharem a construção dessa composição que apresenta vários cantores e artistas negros, e a sua importância na história do Brasil e do mundo. A escolha do nome da música Ponta de Lança já aponta uma homenagem do compositor Rincon à música do cantor Jorge Ben Jor.

Segunda parte

A segunda parte da atividade contou com a apresentação dos slides da oficina, seguida da explicação do título do projeto “RAP- Ritmo, poesia, identidade e cultura negra”, que retomava brevemente o que é um poema e como sua estrutura se organiza. Para exemplificar os conceitos poéticos apontei dois poemas do escritor Oliveira Silveira, chamados *Treze de Maio* e *Encontrei as minhas origens*.

A estrutura nesse segundo momento foi construída com a intencionalidade de provocar nos alunos a percepção de semelhança estrutural entre os poemas e as letras do gênero rap e também na sua semântica por falarem sobre a cultura negra e todas as suas reivindicações com exigência a igualdade e respeito a nossa história e contribuição na construção do Brasil.

Terceira parte

No terceiro momento da oficina são apresentados os fragmentos das letras de música dos Racionais MCs, *Negro Drama*, e do Sabotage, *Um bom lugar* (as letras completas se encontram nos anexos da dissertação). Originalmente propunha debates com os alunos, mas como adaptei a oficina para o projeto do mestrado, não estabeleci diálogos sobre os materiais, apenas mostrei e pedi para que os alunos mapeassem o que mais lhe chamava atenção. Quando os slides estavam sendo projetados, os artistas iam aparecendo na ordem em que cada música era cantada, então, nesse momento, solicitei que os alunos ficassem muito atentos. No final do material aparecem duas fotos com compilações de imagens com vários músicos negros de diferentes gêneros musicais e no último slide aparece uma foto com uma frase do Nelson Mandela.

Logo após o término da apresentação provoquei os alunos com o seguinte questionamento: Eu quero saber o que vocês sentiram enquanto tiveram acesso ao material que foi apresentado e quais foram às sensações e as ideias que vocês se sentem confortáveis para compartilhar? Depois da pergunta o grupo mergulhou em um certo silêncio, acredito que por conta do constrangimento de serem os primeiros ou as primeiras alunas a se posicionarem sobre o assunto. Dada à situação de silêncio, brinquei com a turma dizendo que o aluno que fosse o primeiro a falar sobre o tema ganharia pontos nas minhas disciplinas. Depois da apresentação dessa condição, instantaneamente, vários passaram a

levantar as mãos, rimos muito da situação e eu disse que não passava de uma pegadinha para ver se isso teria influência naquele momento. No término dessa descontraída intervenção, vi que uma aluna de fato se sentiu confortável para começar a tecer as suas considerações sobre o material que tinha acabado de ser apresentado na oficina e compartilhou experiências em família, muito comoventes relacionadas ao tema da pesquisa.

Quarta parte – O método da roda de conversa e sua aplicação

O método utilizado na pesquisa foi a roda de conversa, pois ela fomenta a produção de narrativas individuais e coletivas. Nesse sentido, na percepção de Leandro Rogério Pinheiro (2020, p. 3-4): [...] os depoimentos apresentados nas discussões são tomados para sistematização não só com finalidade devolutiva, mas com o fito de elencar conteúdos e sustentar análises sobre inserções sociais, vivências de práticas específicas, experiências subjetivas em dado tema. Desde tal aspecto, características de outros artifícios metodológicos são associadas na delimitação de formas de organizar e desenvolver as rodas, como são exemplos os “grupos focais” ou os “grupos de discussão”, não obstante as possíveis incompatibilidades existentes entre os usos convencionais de cada um desses modos de interlocução. A roda de conversa foi realizada no laboratório de ciências da escola e o início da atividade foi adaptada, visando não influenciar na opinião dos alunos participantes. Originalmente quando realizo a oficina de Rap, ao apresentar as imagens dos slides que vão surgindo na ordem em que a música Ponta de lança é tocada, eu converso muito com os alunos sobre o que eles estão vendo, principalmente quando noto que eles estão inseguros para emitirem qualquer juízo do material que foi mostrado. Porém, nesse contexto de uso da metodologia da roda de conversa, nenhuma explicação profunda sobre os slides e seus conteúdos foi feita, afinal, a forma como essa técnica se apresenta, segundo Pinheiro (2020) – sobre o funcionamento desse método e sua dinâmica que é composta em círculos para conversação, mediante uma provocação temática, que nesse caso era a oficina de Rap –, havia a necessidade de dar uma ênfase ao protagonismo dos integrantes das rodas, com o intuito de priorizar as partilhas de saberes e reflexividades sobre as experiências individuais ou coletivas, sendo assim, não seria coerente com o método que eu começasse a intervir nas percepções dos alunos, pois essa ação afastaria o propósito de priorizar as percepções mais puras desses jovens.

5.5 Sequência e administração da oficina de Rap

A oficina “Rap- ritmo, poesia e cultura negra” foi organizada em dois grupos de dez alunos exclusivamente do Ensino Médio, sendo a maioria com idade entre 15 e 16 anos. Escolhi alunos negros e brancos para fazerem parte da atividade, pois considero importante saber como os dois grupos étnicos são impactados diante da presença ou ausência dos conteúdos de cultura negra dentro da escola e como isso exerce influência na formação da identidade desses alunos. Quando montei as duas equipes para a aplicação da roda de conversa, percebi que nos dois grupos a maioria das participantes era de mulheres e essas trouxeram ao debate contribuições de uma riqueza e sensibilidade que me comoveram muito. As experiências relatadas por essas alunas apontam para um futuro de

esperança no tocante das pautas da diversidade. O olhar feminino nas oficinas detalhou observações de um cotidiano de exclusões e apagamentos que mostram que as mulheres de alguma forma falam mais sobre isso umas com as outras e conseguem compreender melhor e oferecer uma rede de apoio imediata para outros colegas, independente da orientação sexual deles. Aqui não pretendo detalhar o perfil de todos os participantes das duas oficinas, mas mostrar que, em alguma medida, os alunos, alunas e alunes escolhidos possuem traços de idade e situações familiares que dialogam muito. Na maioria das vivências compartilhadas por eles apareceram realidades familiares de irmãos que residem na mesma casa e convivem com as diferenças étnicas, ou seja, irmãos e irmãs negros e brancos gerindo questões e pautas diretamente relacionadas à cultura, estética e os preconceitos sociais, assim como pais e mães onde um dos dois no casal é negro e o outro é branco. Esse contexto faz com que a maioria dos alunos participantes da oficina mesmo sendo brancos tenham uma forte consciência sobre os desafios trazidos pelos constantes casos de racismo que assistem seus familiares sofrerem diariamente.

As relações entre Juventude, identidade e os estudos de Stuart Hall

A pesquisa intitulada: “Juventude, identidade e narrativas sobre a cultura negra na escola” visava perceber como a relação identitária da juventude negra interfere na maneira como o aluno se vê ou não representado na escola pública e como esses jovens narram essas vivências. A investigação se deu por meio de uma oficina realizada em sala de aula que trouxe saberes da cultura negra e, após essa atividade, foi promovida uma roda de conversa usada como método de pesquisa, que foi gravada e posteriormente transcrita com a finalidade de acompanhar as experiências vivenciadas por esses alunos.

Compreender como essas relações mobilizam o corpo discente em suas rotinas nos espaços escolares, pode se transformar em um grande aporte para a promoção de novas práticas e projetos voltados à educação para as relações étnico-raciais, trazendo mudanças perenes no currículo educacional.

Os referenciais teóricos que foram usados para fundamentar essas análises são os conceitos apresentados nos livros: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais (2000) – que conta com dois ensaios de introdução dos autores Kathryn Woodward e Tomaz Tadeu da Silva e o último texto do sociólogo Stuart Hall –, assim como a obra A Identidade cultural na pós-modernidade, do mesmo autor. A primeira obra mencionada mostra o conceito de identidade sendo relacional, ou seja, dependendo de algo fora dela para existir de outra identidade, que ela não é, e sendo marcada pela diferença. Percebemos aqui, que a identidade e a diferença são dependentes do sistema de representação e só através dele adquirem sentido.

Outro conceito muito importante nesse estudo está ligado à representação ancorada na linguagem. Segundo a autora Woodward (2000) as identidades só adquirem sentidos por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas.

A história das identidades diferentes depende de posições nacionais separadas, que só ganham sentido através da linguagem pelas quais elas são representadas.

A linguagem e suas regras foram organizadas por uma determinada casta que tinha dinheiro para acessar a escola e o domínio da escrita formal. Dessa maneira, a escolha de determinados termos foi constituída por uma parcela da sociedade que tinha acesso ao conhecimento oriundo das instituições de ensino.

É importante refletirmos sobre a construção da linguagem que perpassa o ser humano antes mesmo de acessarmos a escola, ao nascermos não tivemos a escolha de usar outros termos, muitos já estavam constituídos no nosso vernáculo, quando somos crianças vamos aprendendo com as palavras a disposição sendo repetidas na prática do seu constante uso, vamos reforçando o que é bom ou ruim, mesmo sem termos escolhido essas palavras, inclusive as nossas características físicas que compõem a nossa própria identidade são construídas e representadas nesse exercício do uso da linguagem.

A exemplo disso existem situações recorrentes nas escolas estaduais que lecionei que foram reforçadas no desenvolvimento da pesquisa com os jovens.

No convívio diário entre os alunos é fácil perceber a permanência da construção da ideia de “cabelo bom”, aquele que é liso, e o cabelo afro, que deveria ser apenas o cabelo que é diferente do cabelo que é liso, mas que acabou sendo definido ao longo da história como algo ruim. Essa construção já demarca lugares que empoderam determinados indivíduos que simplesmente acreditam ter o privilégio de nascerem e pertencerem a um grupo de indivíduos classificados pela textura e forma dos seus cabelos, enquanto outra parcela da sociedade fica no lugar de desprestígio por ter outro tipo de cabelo. Alguém em um determinado período histórico, que logicamente tinha cabelos lisos, definiu que o seu tipo de cabelo era o cabelo bom. Essa triste construção acabou sendo caracterizada durante muito tempo e até hoje tem força na sociedade reforçando estereótipos e incentivando preconceitos.

Ainda vemos muitas pessoas reproduzirem essa ideia oriunda do racismo e poucas conseguem problematizar essa questão, principalmente, porque ela se arrasta desde o período da escravidão.

Quem se julga o detentor do “cabelo bom” acaba aprisionando o outro em um lugar de desprestígio estético e desadequação existencial que oprime e deprime.

No livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, o autor aponta concepções distintas de identidade cultural do sujeito e a mudança do conceito de sujeito e identidade no século XX, assim como o processo de descentramento das identidades que está mais evidente por conta da globalização, sendo assim as identidades não são fixas e apontam

para diferentes posições, como se seguissem em transição e atravessamentos e misturas culturais que envolvem diversas tradições culturais.

A identidade marcada pela diferença e a ausência ou insuficiência temática da cultura de matriz africana no ensino escolar

Devemos refletir sobre quais as semelhanças e aproximações que podem levar o indivíduo a ser visto como a mesma coisa? Posso dizer que a identidade é marcada pela diferença. Porém, essa complexa construção assinalada pelo que difere, aponta para ser alguma coisa que indica não serem outras coisas, e assim negar algo. Logo, podemos concluir que a diferença é sustentada pela afirmação: se você é uma coisa não pode ser outra. Ancorada nas teorias da identidade e diferença, percebemos algumas questões sobre a diferença sendo sustentada pela exclusão, definição que pode se aproximar da condição social do negro, uma vez que sua imagem foi construída através de teorias simbólicas escravocratas e pós-abolicionistas perversas como a eugenia e a miscigenação. A ciência postulava o negro como a genética do fracasso, enquanto seres sem alma e inferiorizados, estigmas esses que se arrastam até hoje e que mesmo superados ainda reverberam no imaginário social.

Podemos dizer que, ainda no século XXI, com todos os avanços científicos que vivemos, o simples fato de olharmos para uma pessoa branca abarca uma série de construções históricas de exaltação, mesmo que esse indivíduo não tenha proferido nenhuma única palavra. Prova disso se reforça nos exemplos heroicos que fomos ensinados a assistir na história do Brasil: as estátuas para homenagear homens virtuosos durante longo tempo foram de homens brancos, assim como o nome das ruas por onde passamos, os escritores e renomados artistas que pairam no imaginário social todos genuinamente brancos. Logo, para o indivíduo negro sobra tudo que o branco não é, ou seja, se o branco é exaltado, o negro é humilhado e invisibilizado.

Se hoje reivindicamos os nossos heróis e as nossas conquistas por reparação histórica, somos amplamente criticados. Se o branco em silêncio surge como o indivíduo que tem capacidades acima da média sem precisar dizer absolutamente nada, o negro surge com o estigma de que não tem capacidade nenhuma, mesmo proferindo o mais belo discurso ou exibindo um vasto currículo.

Concluo como pertinente sobre a obra: Identidade e diferença, onde aparecem às contribuições do escritor José Luís Pardo (1996) tecendo considerações sobre identidade e diferença na educação. Respeitar a diferença não pode significar “deixar que o outro seja como eu sou” ou “deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)”, mas deixar que o outro seja como eu não sou, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixar que o outro seja diferente. Essas poderiam ser as linhas gerais de um currículo e uma pedagogia da diferença, de um currículo e de uma pedagogia que representassem algum

questionamento não apenas à identidade, mas também ao poder ao qual ela está estreitamente associada, um currículo e uma pedagogia da diferença e da multiplicidade.

Em certo sentido, “pedagogia” significa precisamente “diferença”: educar significa introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado. Um mundo morto deixa de ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença da identidade, logo, deixar ser uma outridade que não é outra “relativamente a mim” ou “relativamente ao mesmo”, mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade (PARDO, 1996, p. 154).

O estudo das identidades é de suma importância na medida em que as diferenças se mostram e devem ser trabalhadas no currículo de maneira intensa. Ele deve constituir um compromisso educacional diário que não pode ser negligenciado. A escola tem grande responsabilidade em trabalhar o exercício das diferenças para que todas as pessoas possam descobrir e conviver em paz com as suas identidades.

A problematização da ausência da história da cultura de matriz africana nas escolas, se faz cada vez mais importante tendo em vista que a falta de informação sobre a origem do povo negro dentro das instituições de ensino gera nele o sentimento de não pertencimento. Repensar o que isso causa na juventude negra que frequenta a escola estadual e como a sala de aula pode ficar desinteressante para ele é fundamental para que se possa avançar nas mudanças dentro do processo de escolarização.

Os relatos das vivências de quatro jovens de uma Escola Estadual do Ensino Médio de Porto Alegre (RS)

Nesta subdivisão, apresentamos os relatos das vivências das quatro alunas do primeiro ano do ensino médio de uma escola da rede estadual de Porto Alegre, cuja participação culminou na construção deste artigo. As atividades da oficina Rap, ritmo, poesia e cultura negra tiveram como propósito a promoção de saberes de cultura negra com o intuito de incitar em seus participantes o desejo de compartilharem seus sentires através do uso da técnica de pesquisa chamada roda de conversa.

As experiências aqui apontadas são de grande valor e reforçam elos entre pesquisadora e grupo pesquisado, temos em comum o fato de sermos mulheres negras e oriundas da periferia que nutrem um grande interesse em experienciar aulas diferenciadas nas escolas com programações que contemplem o ano inteiro a lei 10639/03 e o seu cumprimento. Ansiamos que a cultura negra não seja celebrada apenas no dia 20 de novembro, além disso, é importante pensarmos como o espaço escolar afeta as pessoas negras e quantas histórias de vida poderiam ter sido diferentes se já houvesse uma consciência mais apurada sobre a educação para as relações étnico-raciais.

Alunos negros podem falar? O racismo dentro e fora da escola

*Por que escrevo?
Por que eu tenho de
Por que minha voz,
em todos seus dialetos,
tem sido calada por muito tempo*
JACOB SAM – LA ROSE

As estruturas de opressão não proporcionam espaço para que algumas elocuições sejam ecoadas, logo, alguns grupos não têm a oportunidade de falarem sobre si e receberem uma escuta atenta. Enquanto isso, camadas sociais privilegiadas seguem ocupando espaços de favorecimento e promovendo debates em que a pauta em discussão corresponde muito pouco com a realidade de quem está sendo enunciado. Sendo assim, os grupos que são minorias em direitos perdem a oportunidade de contarem a sua versão da história, e isso também corresponde a uma perda de direitos, pois o não poder falar sobre si mesmo sabendo que não será ouvido é mais um dos resíduos da tirania que foi deixado pelos processos de colonização.

Percebendo essas configurações de silenciamento, a que as pessoas negras são submetidas desde o período escravocrata com seu processo colonizador e destruidor da nossa cultura, esse capítulo do projeto foi pensado como uma forma de exaltação de todas as falas dos alunos negros em sua legitimidade teórica e com a força diária de jovens que compartilham as experiências de racismo em suas vidas nos mais variados e velados aspectos.

Nossas vidas, vozes e vivências importam sim, e juntos faremos com que as nossas verdades, por muito tempo veladas, voem e ecoem cada vez mais longe.

A escritora Grada Kilomba, em sua obra Memórias da plantação aponta uma referência da filósofa indiana Gayatri C. Spivak (1995), que levanta a questão “Pode a subalterna falar?”, a qual logo responde: “Não”!

É impossível para a subalterna falar ou recuperar a sua voz e mesmo que ela tivesse tentado com toda a sua força e violência sua voz ainda não seria escutada ou compreendida pelos que estão no poder. Nesse sentido a subalterna não pode, de fato, falar. Ela está sempre confinada a posição de marginalidade e silêncio que o pós- colonialismo prescreve. Spivak usa a imolação de viúvas na Índia como um símbolo da subalterna. A viúva indiana, argumenta, é encarcerada dentro do colonialismo e do patriarcado, situação que faz com que seja impossível para ela ganhar voz. (SPIVAKI, 1995, p.24-28 apud KILOMBA, 2008, p.47).

Retomar esses estudos sociológicos é uma maneira de reforçar percepções que muitos grupos submetidos à sonegação discursiva vivem.

Dessa maneira, reservar um capítulo com uma compilação das falas negras é uma maneira de dar maior visibilidade às mesmas e oportunizar que a juventude, principalmente, a juventude negra, fale sobre seus próprios sentimentos e aprendizados, de modo que eles sejam os protagonistas de suas próprias histórias – e esse também não deixa de ser um modo de subverter uma ordem colonizadora que nos foi imposta.

Tasmine, 16 anos, negra, politizada, leitora, extremamente culta, dona de uma estética linda, cabelos crespos sempre com uma definição impecável, sorriso lindo e ironias inteligentes e afiadas diante de pautas sociais polêmicas, filha de uma antropóloga e pesquisadora de povos indígenas.

Essa aluna demonstrou uma mistura de entusiasmo sobre as pautas antirracistas, junto com a desilusão de frequentar uma turma que não se importava com esse debate e nem com outros tipos de problematizações sociais apresentadas nas aulas.

Esse cansaço é característico entre pessoas negras que já estão lutando por seus direitos faz tempo, possuem aprofundamento no letramento racial, tanto teoricamente quanto como sujeitos que sofrem o racismo diariamente. Tasmine relata não aguentar mais ouvir a sua história sendo contada por outros, ou por pessoas brancas que demonstram não terem domínio sobre o assunto, ou somente através de uma vertente escravocrata.

Segundo a aluna, quando aparecem outras versões da história negra na escola, elas carregam em seu bojo exemplos de negros marginalizados, e outras perspectivas da cultura de matriz africana não são analisadas e compartilhadas. Uma aluna politizada como essa sabe muito bem que existem tantas outras perguntas a serem feitas como, por exemplo: quais eram os reinos do Continente Africano que foram dizimados por conta da colonização? Ela acredita que nós só sabemos as consequências da exploração, a maldade e a violência. No relato a seguir a aluna demarcou um sentimento carregado de muita tristeza.

A educação antirracista deve ser trabalhada em colégios públicos e privados [...] se pegarmos o exemplo dos comentários que uma aluna do colégio Israelita fez, falando com desprezo de pessoas pobres, esse ato precisa ter consequências, porque, do contrário, nossas falas sobre as mais diversas formas de preconceitos não adiantam de nada. (Tasmine, aluna)

O racismo e a intrusão ao corpo negro

*Tira mão, sai daqui, meu cabelo não é moda
Não aliso, não chapo, não raspo
Aceite assim, eu sei que incomoda
Tira mão, sai daqui, meu cabelo não é moda
Não aliso, não raspo, não chapo, aceite assim
Eu sei que incomoda*

Cabelo crespo
Solte o seu cabelo crespo
(Negra Jaque – Cabelo Crespo)

Maria, 16 anos, negra retinta, no momento está fazendo transição capilar, se mostra sensível e respeitosa, tímida, bonita, afetuosa, se adapta fácil às turmas que faz parte, e, desde cedo, por ser submetida a muitos ataques direcionados a forma como ela usa os seus cabelos, ela está aos poucos aprendendo a selecionar as opiniões que lhe são relevantes.

A aluna relatou o quanto é difícil para uma mulher negra se sentir satisfeita com a sua aparência, por mais que sua família se esforce para trabalhar a sua autoestima, ela recorda que em todos os momentos de sua vida, a cada escolha de mudança no formato dos seus cabelos, aparece uma opinião que ela não pediu, assim como um constante não enquadramento no que seria algo belo ou bom para ela.

A questão do cabelo é complicada, muitas pessoas ficam dizendo para eu não alisar o cabelo, pois eu sou negra e tenho que aceitar meu cabelo do jeito que ele é, e por outro lado outras pessoas falando que eu tinha que fazer chapinha, porque meu cabelo é duro, essas pessoas não imaginam o peso da fala que elas têm, e eles só falam e riem, aqui no colégio eu já sofri com isso também. Colegas da escola já falaram do meu cabelo, uns falando para tirar chapinha e outros detonando quando eu estou sem chapinha, então é como se eu nunca estivesse aceitável. (Maria, aluna)

Os comentários e opiniões aqui tecidos sobre os cabelos das pessoas negras se encaixam em mais uma das formas que pessoas brancas usam para proporcionar às mulheres e homens negros uma experiência extremamente negativa sobre a nossa estética, uma vez que dizer como devemos usar os nossos cabelos ou tecer comentários dos quais não pedimos a opinião mostra a incessante tentativa de mais uma vez controlarem e invadirem os corpos negros sem nenhuma permissão.

A escritora Grada Kilomba retrata em seu livro, Memórias da plantação, saberes psicanalíticos de racismo cotidiano que apontam políticas de exclusão de corpo e cabelo que, ao serem comparadas aos relatos dos jovens que fizeram parte da roda de conversa que deu origem a esta dissertação, se mostram muito atuais, mesmo após tantas lutas travadas para que possamos mudar o racismo estrutural. Em pleno século XXI nos deparamos com a retomada de pensamentos coloniais que pareciam, em alguma medida, terem sido superados e transformados em algo do passado.

Aqui surge uma narrativa de mulheres negras que se repete na vivência de uma das entrevistadas da escritora, Alicia, que menciona sentir ódio quando as pessoas tocavam em

seu cabelo com as desculpas mais variadas possíveis, proporcionando mais um dos tantos episódios de racismo cotidiano que contemplam a invasão do corpo negro.

“Que cabelo lindo! Ah que cabelo interessante! Olha, cabelo afro...” E tocavam. Eu me sentia como um cachorro sendo acariciado [...] como um cachorro que está sendo tocado. E eu não sou um cachorro, sou uma pessoa. E quando eu era criança, minha mãe nunca pedia para eles pararem, embora eu tivesse explicado para ela que eu não gostava daquilo. Mas ela não conseguia entender porque eu não gostava. Eu nunca tocaria no cabelo de alguém daquela forma, do nada! Quero dizer... como alguém pode fazer isso... (KILOMBA, 2008, p. 121).

Aqui, a autora, ao refletir sobre a fala de sua entrevistada, questiona quem de fato é diferente? Nesse momento há uma percepção pela ação das pessoas com a Alicia de que ela é a diferente, porém, podemos pensar que as pessoas que tocam o seu cabelo são diferentes da menina. Quem é diferente de quem?

Nesse momento voltamos para uma questão de exclusão, que movimenta um processo de discriminação. Uma pessoa se torna diferente quando lhe dizem que ela difere daquelas que têm o poder de se definir como “normal”. A mãe branca de Alicia não vê a si mesma como diferente, mas vê sua filha como tal. Ou seja, não se é diferente, torna-se diferente por um processo de discriminação. A diferença é usada como uma marca para a invasão, assim, ser tocada como ser interrogada é uma experiência de invasão, uma violação que, para a Alicia, parece inimaginável (KILOMBA, 2008, p. 121).

Ana, 16 anos, negra, cabelos compridos, crespos, cordial, culta, caderno organizado, sempre a primeira aluna a concluir as atividades propostas em sala de aula, com participações e posicionamentos políticos e sociais sempre muito conscientes e que sempre deram prioridade à redução das injustiças no mundo.

Ela relata o quanto acha contraditório o comportamento das pessoas brancas quando falam mal das características físicas dos negros, como: lábios, cabelos, curvas corporais e ao mesmo tempo quando procuram clínicas para fazerem procedimentos estéticos que as transformem a algo semelhante ao que elas chamam de feio.

Nas filas de intervenções cirúrgicas essas mesmas pessoas brancas são as primeiras a colocarem silicone nos lábios e em outras partes do corpo para ficarem com características físicas semelhantes às nossas. Essa maneira de agir se mostra muito semelhante à inveja, tudo que você tem é ruim, mas eu quero tudo que você possui. Não é um movimento apenas marcado pela contradição, e sim por um lado perverso e doentio.

Diante das narrativas desses jovens negros, que desde a sua infância lembram de episódios de racismo – e mesmo assim se determinam a continuar fazendo uma transição capilar e potencializando o seu cabelo natural – fica evidente que de alguma maneira esses

jovens entenderam que esse cabelo demarca um instrumento de consciência política, logo, quanto mais a beleza natural desses jovens negros desabrocha e resiste, mais os brancos perdem o controle dos colonizados.

Ana, ao lembrar os episódios de racismo sofridos desde a sua infância, entende o quanto essa violência passou a operar desde muito cedo em sua vida. Com sete anos ela já estava preocupada em mudar o formato do seu cabelo, sendo mais uma criança que só deveria estar preocupada em brincar.

Ela recorda o motivo pelo qual pediu para sua mãe para alisar os seus cachos com apenas sete anos, pois ouvia na escola, e fora dela, que seus cabelos eram sujos e tudo isso por causa da curvatura deles. Em proporções bem maiores surgiam sempre muitos elogios depois dela ter alisado o cabelo, assim como o permanente circuito de opiniões, que ela não pedia, mas que apareciam do nada, o ataque ao cabelo sempre foi intenso.

Aí no ano de 2018, resolvi fazer a transição capilar e os ataques só pioraram, comentários pesadíssimos como, brigou com a chapinha? Entre outras coisas, que ainda bem que minha memória já apagou, mas como a minha autoestima era muito baixa, eu não conseguia nem rebater isso. Hoje com a informação eu consigo tranquilamente dar uma resposta, mas antes não conseguia. (Ana, aluna)

Nos relatos de Ana, notamos que os comentários das pessoas brancas passam de meras observações ao formato do seu cabelo para um lugar intensamente agressivo e patológico. Essa estrutura dialógica depreciativa, que se repete e tem como alvo diferentes pessoas negras, geralmente, surge seguido ou de risos para demarcar o racismo recreativo, ou revestidos de ambiguidade e maquiados de “curiosidade” sobre a nossa assepsia.

Alicia, uma das entrevistadas que participou da pesquisa de Grada Kilomba, mencionada anteriormente neste capítulo, potencializa em suas experiências mais episódios de ataque e selvageria das falas racistas das quais foi vítima, onde o cabelo do negro se mostra para as pessoas brancas como algo repugnante.

“Você lava o seu cabelo?” Ou querem saber se eu penteio o meu cabelo? Eu acho isso tão doentio e tão triste, sabe. Nosso cabelo parece diferente, mas não passa pela minha cabeça ver uma mulher branca adulta lhe perguntar: “Com licença, como você lava o seu cabelo? E a propósito, você também o penteia”? Bem com água e xampu como lava todo mundo, às vezes eu me pergunto o que eles realmente querem dizer com essas perguntas? Eu não sei... Bom, eu sei, mas não quero nem pensar nisso! (KILOMBA, 2008. p.124).

O compartilhamento das vivências tanto de Ana quanto de Alcía mostram toda sua violência e brutalidade, pois são muito tristes e doentios, e aqui são analisados por Grada Kilomba como uma associação da negritude com o que é repugnante, elas anunciam de que forma as mulheres negras, no imaginário branco, são de alguma forma fantasiadas como sujas e selvagens. Em cada pergunta se desnudam pensamentos ofensivos e coloniais como: lavar/sujo; pentear/indomável. (KILOMBA, 2008.p.124)

“Sujeira e selvageria estão ligadas a aspectos que a sociedade branca reprimiu, sexualidade e agressão- e conseqüentemente projetou nas/os “Outros/as”.

Com frequência a sexualidade é combinada com agressão e experienciada como “suja”, caso em que os pensamentos serão “duplamente negados”. (PAJACZKOWSKA; YOUNG, 1992, p.201 apud KILOMBA, 2008. p.124).

A presença do sujeito negro desencadeia uma preocupação das pessoas brancas com a higiene dos negros, por outro lado, evidencia o branco querendo controlar o corpo negro e desejando ser sujado por esse mesmo corpo, e nisso há um medo de contágio.

A palavra contágio é bastante evocativa, porque descreve como, no inconsciente branco, a negritude é fantasiada como uma doença, uma “maldição corpórea” com a qual o sujeito branco tem medo de ser contaminado (FANON,1967, p. 112).

Juventude negra, cabelo, consciência e resistência

*Quente que nem a chapinha no crespo
Não, crespos estão se armando
Faço questão de botar no meu texto
Que pretas e pretos estão se amando
(Rincon Sapiência – Ponta de lança)*

As narrativas da juventude, aqui representadas, mostram o quanto reforçar o simples desejo de usar o seu cabelo no seu formato natural, sem agredi-lo com processos químicos que mudam a sua estrutura, é extremamente difícil.

Os relatos da maioria dos alunos participantes da oficina sobre as questões capilares são perpassados pelos comentários de pessoas racistas, que empurram as pessoas negras para uma inadequação estética que é quase impossível de suprir.

No diálogo da aluna Maria, apresentada anteriormente, há uma construção de insatisfação por parte das pessoas em relação à aparência dela: de um lado, ao alisar o cabelo, um grupo opina que ela não deve fazer isso, porque ela é negra e deve usar o seu cabelo natural, por outro lado há outro grupo que, ao vê-la usando o seu cabelo crespo,

verbaliza (sem ser perguntado) que Maria deveria alisá-lo para que ele fique mais “arrumado.”

No comportamento social aqui repetido, por muito tempo, desde o período colonial, a aluna não consegue ser nem uma coisa e nem outra, pois de forma alguma consegue agradar os dois grupos, com isso vem a pior parte: ela não consegue agradar a si mesma e viver confortavelmente com sua aparência.

As palavras de incômodo diante do formato do cabelo crespo, vividas por esses alunos, reencenam uma associação colonial.

Historicamente, o cabelo único das pessoas negras foi desvalorizado como o mais visível estigma da negritude e usado para explicar a subordinação de africanos e africanas, mais do que a cor de pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período da escravização. Uma vez escravizados/as, a cor de pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, acabou se tornando símbolo de primitividade, desordem, inferioridade e não civilização. O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”. (BANKS, 2000; BYRD e THARPS, 2001; MERCER, 1994 apud KILOMBA, 2008, p.126-127).

Considerando que os negros eram obrigados a alisarem seus cabelos com produtos químicos europeus, para esconderem o seu “cabelo ruim”, evidencia-se as formas de controle dos “sinais repulsivos” da negritude. E foi nesse contexto que os cabelos crespos se tornaram o instrumento mais importante de consciência política de africanas/os da diáspora. (KILOMBA, 2008. p. 127)

É admirável pensarmos no exemplo de valentia exercido por esses jovens que, mesmo passando por situações de racismo cotidiano, encontram forças para permanecerem usando o seu cabelo da maneira como eles realmente são e, assim, libertam-se de processos químicos destrutivos que os descaracterizam e pouco dialogam com a sua identificação. Para uma negra/o encontrar a sua beleza em meio à ditadura estética eurocêntrica, e exercitar também o autoamor e o autocuidado, é necessário muito foco e determinação para resistirem aos ataques racistas. Assim como diz Rincon Sapiência, em sua música Ponta de lança: *“Faço questão de botar no meu texto que pretas e pretos estão se amando”*.

Cantar essa música enche muitos negros de emoção, posso dizer que como mulher negra e professora faço parte das negras que ficaram nove meses em transição capilar tentando redescobrir parte de uma identidade que me foi roubada, por um processo colonizador massivo, onde só os brancos e sua estética eram representados como exemplo de beleza.

O cabelo demarca uma posição política de mulheres negras em relação à beleza, em outras palavras: revelam como negociamos políticas de identidade e racismo.

Esses alunos aos poucos desnudam os seus primeiros passos para independência e mostram aos colonizadores que eles perderam o controle do colonizado.

Quando jovens negros resistem às normas estéticas de beleza criadas pelos brancos, essa consciência racial por eles exercida engendra os movimentos de derrubada dos padrões dominantes de beleza, que vão sendo redefinidos pouco a pouco na medida em que esses jovens resistem e reafirmam constantemente a potência da sua consciência política.

Corporeidade, identificação e elementos de luta

O aluno **Alexandre**, 16 anos, branco, foi o primeiro aluno a falar no primeiro grupo, durante as aulas sempre se mostrou dedicado, culto e historicamente bem informado.

Nos seus relatos de vida, narrou que desde muito cedo teve que usar toda a sua força para assumir sua sexualidade, assim como para ensinar para toda a sua família sobre sua condição e o seu desejo de mudar o nome Adriana que fora dado pelos seus pais para o nome escolhido por ele Alexandre.

Em sua permanência na escola exercita muito a paciência e o diálogo para ver o seu desejo de ser respeitado sendo validado, pois segundo ele, mesmo tendo feito uma nova carteira de identidade com um novo nome ainda tem vivenciado episódios onde seus próprios professores e colegas reforçam um aparente “esquecimento” de como devem chamá-lo ao dirigirem-se a ele. As experiências do aluno aqui mencionado mostram que as identidades vão se construindo para além dos rótulos e os nossos corpos se impõem na luta pela construção dessa identidade.

No tocante dos estudos culturais apontados na obra: Identidade e diferença do autor, Stuart Hall, vemos que as mudanças nas relações familiares impactam em outras estruturas como o mercado de trabalho e os padrões de vidas domésticas, as identidades sexuais tornam-se mais questionadas e apontam para mudanças e fragmentações. (HALL, 2006, p. 32)

O discente, Alex promoveu uma transformação dentro de sua família ao reivindicar o respeito à identidade que ele está edificando, nesse caso surge um novo conflito que é oriundo do desejo do indivíduo de ser respeitado em sua escolha em contraponto com as expectativas e normas sociais que são nomeadas pela escritora Audre Lorde como: identidades “estranhas ou desviantes”.

Como mãe- feminista, socialista, lésbica, negra de 49 anos, de duas crianças incluindo um menino e como membro de um casal inter-racial, com muita frequência vejo-me pertencendo a um grupo definido como estranho, desviante, inferior ou simplesmente errado. (LORDE, 1992, p. 47).

Nesse caso parece que as identidades só se referem a aspectos do campo pessoal da vida das pessoas, porém a forma como vivemos nossa sexualidade é mediada pelos significados culturais que são produzidos pelas representações que são construídas por sistemas midiáticos dominantes e elitistas. Assim como Alexandre e Audre Lorde, muitas pessoas por mais que afirmem suas identidades sexuais através de relacionamentos não heterossexuais acabam sendo constrangidas por discursos hostis que impõem a heterossexualidade vivida por outros casais, no cenário sócio cultural há uma expectativa e também uma tentativa de controle dos nossos corpos como uma promessa de realização que para alguns é negado, isso ilustra a vinculação entre o social e o simbólico.

As experiências compartilhadas desse jovem aluno apontam algumas das razões pelas quais ele mostra muita identificação e conhecimento das temáticas ligadas à cultura negra, mesmo não sendo negro e nem tendo familiares próximos que são negros, há uma compreensão dele através dos problemas que já enfrenta em relação a assumir a sua sexualidade que dialogam com as outras identidades dos grupos que são minorias em direito, nesse contexto ele sempre se apropria muito facilmente dos conceitos trabalhados em sala de aula de maneira abrangente e na maioria das vezes suas reflexões trazem muita riqueza dialógica e motivam a participação de outros colegas nos debates.

A criação e o fortalecimento de projetos que fomentem a cultura negra e o empoderamento de jovens e adultos são fundamentais para a comunidade negra ganhar voz e garantir equidade social através das lutas por direitos iguais.

Os jovens e a sua maleabilidade para o que é novo apontam uma grande esperança de mudança em conceitos racistas, machistas e homofóbicos que muitas vezes são mais difíceis de serem rompidos em gerações mais antigas e muitas vezes resistentes as mudanças.

Precisamos acabar com os traumas trazidos pela estrutura do processo escravocrata e o racismo estrutural em uma sociedade que ainda se mostra muito desigual.

Considerações finais

Nessa pesquisa conseguimos avaliar a importância dos estudos sobre a cultura de matriz africana na escola, através da percepção relatada pelos jovens do ensino médio de uma escola de Porto Alegre.

Há uma rica e variada compreensão e apreciação, por parte desses alunos, a respeito da produção da cultura negra e artística no Brasil, eles se identificam e compartilham esses saberes dentro e fora da escola, principalmente, por conta da internet, que facilita essa troca de informações.

Minha proximidade com esse assunto como professora da rede estadual de ensino, trouxe a motivação inicial para o desenvolvimento desses estudos, assim como o meu lugar de fala de quem morou na região metropolitana de Porto Alegre, distante de espaços

culturais e de lazer e também como mulher negra e ex-aluna da rede estadual de ensino. Dentro das manifestações artísticas que mais apreço estão a literatura brasileira e a música, porém, desde minha adolescência, notei que alguns gêneros musicais como o samba e o rap não eram utilizados como um rico material de análise poética nas aulas de língua portuguesa e literatura e essas lacunas apontaram para um problema a ser pesquisado.

Frequentando o espaço da escola pública, tive a oportunidade de observar e refletir sobre a ausência de representatividade negra e junto a isso um currículo que não apontou nenhuma potencialidade ou possibilidade de exaltar essa cultura nas práticas escolares. Depois de me dedicar aos estudos e passar do lugar de aluna para o lugar de professora, tive mais uma oportunidade de ver como o grupo escolar se organiza diante da lei 10639/03, que torna obrigatório o ensino da cultura de matriz africana nas escolas. Ao entrar no mestrado, mais uma vez ampliei as minhas possibilidades de análise, agora não só como ex-aluna da rede estadual e atual professora, mas também como pesquisadora e, em cada posição que ocupei, percebi arranjos institucionais diferentes para o mesmo problema.

Ao trilhar esses diferentes lugares, fui me aproximando do resultado do desenvolvimento metodológico da oficina de rap, poesia, cultura negra e da roda de conversa como metodologia de pesquisa.

Ao analisar o comportamento dos jovens negros, ao verem a sua história sendo compartilhada em sala de aula, eles ressaltaram gostarem muito desse tipo de conteúdo, porque nesses momentos podem ter uma discussão rica, ouvirem uns aos outros e abrirem a mente de mais pessoas sobre esses assuntos ligados à diversidade, entre outros conhecimentos. Demonstraram, igualmente, muita gratidão por terem sido escolhidos para participarem da oficina e mostraram muita identificação com a maioria das imagens que apareceram na Oficina de Rap e ainda fizeram paralelos com outros artistas que lhes vinham na memória.

Ao observar as práticas e tomadas de posição desenvolvidas pelos jovens no interior da escola, considerando especialmente sua permanência durante períodos livres. Notei o quanto os jovens ainda precisam lutar muito dentro da escola para fazerem valer o seu desejo de serem respeitados e validados diante de suas escolhas ligadas à sua identidade de raça, gênero ou orientação sexual, sendo colocadas em prática pelo grupo escolar.

Também pudemos perceber que quando os professores e o corpo diretivo não se atualizam em suas práticas pedagógicas, acabam dificultando a convivência e o interesse dos alunos de participarem das atividades nesse espaço. Se um aluno pede para que um pronome neutro seja usado e o professor trata isso como irrelevante, esse aluno se sente negligenciado diante de seus saberes. Nesse momento da pesquisa surgiu uma lacuna, que abre uma possibilidade para o desenvolvimento de novas pesquisas, diante do fato de que alguns alunos participantes das oficinas não eram negros, mas tinham muito conhecimento sobre a cultura negra, pois de acordo com os seus relatos eles vivenciam episódios de exclusão através da identidade de gênero.

As experiências dos alunos, aqui mencionados, mostram que as identidades vão se construindo para além dos rótulos, e os nossos corpos se impõem na luta pela construção dessa identidade. No tocante dos estudos culturais apontados na obra *Identidade e diferença*, do autor Stuart Hall, vemos que as mudanças nas relações familiares impactam em outras estruturas como o mercado de trabalho e os padrões de vidas domésticas, bem como as identidades sexuais tornam-se mais questionadas e apontam para mudanças e fragmentações (HALL, 2006, p. 32).

Sobre as dinâmicas dialógicas com os sujeitos da pesquisa, com vistas à discussão sobre saberes de cultura negra, nota-se que os alunos consomem a cultura negra e sabem explicar vários exemplos em filmes, músicas ou produções nos meios midiáticos onde se sentiram de fato representados e são extremamente politizados e críticos quanto às abordagens sobre a cultura negra, sempre pontuando se o conhecimento dos criadores de conteúdo nesse segmento possui um nível satisfatório, ou totalmente insatisfatório por conta dos locutores. Em relação aos relatos dos jovens sobre suas práticas na escola e a questão da identidade negra, visando discutir possíveis interações, conflitos e estratégias de expressão do espaço institucional, constatou-se que a maioria dos alunos não aguenta mais ver a história do negro sendo contada só através da escravidão, ou com exemplos de negros marginalizados, e não um alguém com cultura, sendo que trazer essa cultura à tona aumentaria a identificação e o interesse dos alunos nesse tipo de diálogo.

Os alunos se sentem tristes, pois não entendem por que os professores não exploram outras versões da cultura negra. Como, quais eram os reinos do Continente Africano que foram dizimados por conta da colonização? Os estudantes só sabem as consequências, a maldade e a violência, e acham isso tudo muito pesado e triste. Até porque uma exaltação das produções artísticas e culturais negras deve ser trabalhada em colégios públicos e particulares, segundo os alunos, e junto a isso punições mais severas para casos de racismo dentro das escolas são de suma importância para a melhoria das escolas.

As concepções de educação para diversidade devem priorizar projetos e oficinas que apontem a cultura negra e suas potencialidades trazendo a arte, a corporeidade, o cabelo crespo, no campo da estética, da beleza e da representatividade.

A oficina de Rap- ritmo, poesia, identidade e cultura negra, utilizada como método de pesquisa na Escola Estadual de Porto Alegre, apontou o quanto os jovens se familiarizam com as temáticas da cultura negra quando essas apresentam versões de resgate dessa beleza cultural e empoderamento negro e esses surgem através de saberes não hegemônicos.

Segundo a autora, Nilma Lino Gomes (2017), os movimentos sociais constroem e articulam saberes produzidos pelos grupos não hegemônicos e contra-hegemônicos da nossa sociedade. Esses grupos acabam atuando como pedagogos nas relações políticas e sociais, possuem papel educativo e indagam os conhecimentos científicos.

Produções e projetos ancorados nas ações afirmativas e educação para as relações étnico raciais podem impulsionar em nossa sociedade políticas de correção das desigualdades raciais desenvolvidas pelo estado brasileiro.

Se desejamos uma educação antirracista devemos fomentar a construção de mais projetos como esse desenvolvido na pesquisa que bebem na fonte da herança dos ensinamentos do Movimento Negro e de toda a importância de sua cultura e sabedorias ancestrais.

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. **Black Skin, White Masks**. New York: Grove Press, 1967, p.112.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p.32

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: Ensaio e Conferências**. Belo Horizonte: autêntica, 2019.

Submetido em Dezembro de 2023

Aprovado em Dezembro de 2023

Informações Autorais

Caroline Seixas Chagas de Almeida

Mestranda da Faculdade de Educação (UFRGS)

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0499981530757193>

E-mail: palavras86@gmail.com